SOJA

Conjuntura difícil para a soja

As sucessivas estimativas baixistas do Departamento de Agricultura dos EUA desfizeram as intenções de plantio favoráveis no Brasil. Na maioria das zonas de produção, pensa-se em reduzir a área cultivada.

A área plantada com soja no Brasil tem aumentado nos últimos três anos, graças aos progressos verificados na comercialização e à favorabilidade do mercado internacional. Este último fator, de extrema importância para a atividade — que aliás só se desenvolveu no país devido à possível alternância com a oferta norte-americana —, escapa ao controle dos produtores brasileiros. É a partir de sua análise que se explica a completa mudança ocorrida nas intenções de plantio da soja, nas principais regiões, em 1994. Com efeito, até meados do ano, parecia razoável imaginar-se nova ampliação da extensão do cultivo. Àquela época, a quase totalidade dos agricultores já havia vendido sua produção por preços atraentes e sempre melhores do que os dos produtos concorrentes por área, notadamente o milho.

Começaram então os problemas que resultaram no atual ânimo ou, mais apropriadamente, desânimo, no que se refere à sojicultura. Das perspectivas positivas quase nada restou. Todas as estimativas de entidades ligadas ao campo dão conta de redução da área plantada, variando apenas a avaliação da perda.

Como se chegou a isto? Durante algumas semanas, em agosto/setembro, chegou a parecer que o peso das estimativas baixistas do United States Department of Agriculture (USDA) poderia ser compensado pela força da demanda, expressa principalmente pelas compras chinesas e indianas de óleos vegetais alimentícios. No entanto, a divulgação de uma safra recorde (aproximadamente 63 milhões de toneladas) no maior produtor mundial trouxe o mercado à situação que perdura até hoje, fazendo desaparecerem as esperanças de desfalques provocados pelo clima na América do Norte. Aliás, o plantio nos EUA processou-se mais rapidamente do que o normal, e um pequeno período sem chuvas nas zonas produtoras auxiliou o desenvolvimento vegetativo. Isso fez com que, até o início de outubro, cerca de 20% da área já tivessem sido colhidos, superando amplamente a média histórica do período.

Evidentemente, a situação do mercado interno também pesou na reversão das intenções de plantio. Os produtores rurais mais uma vez comercializaram parcela significativa da produção antecipadamente, mas as indústrias atualmente consideram que os preços altos pagos pelo grão no primeiro semestre não expressavam a realidade do mercado.

No pré-plantio, houve muitos problemas

O período que se seguiu foi conturbado por fatores diversos. Cabe citar o Plano Real e a defasagem cambial, além da retração nas operações de ACC (adiantamento de contrato de câmbio).

Produção cresce no Maranhão e na Bahia

Brasil — produção de soja — 1990-94 (em mil t)

UF	1990	1991	1992	1993	1994
RS	6.313	2.220	5.629	6.067	5.443
PR	4.650	3.531	3.417	4.884	5.410
MT	3.065	2.738	3.643	4.119	5.241
MS	2.038	2.018	1.871	2.289	2.390
GO	1.258	1.661	1.798	2.002	2.306
MG	937	983	854	976	1.172
SP	749	977	974	1.121	1.220
SC	537	249	367	435	433
BA	220	441	480	592	873
DF	79	101	99	95	110
TO	35	9	11	26	59
MA	4	8	24	87	141
Brasil	19.888	14.938	19.150	22.694	24.798

Fonte: IBGE.

As tentativas oficiais de dar algum amparo à lavoura, diante das dificuldades que se apresentaram, foram apresentadas nas novas regras para o plantio da safra 1994/95. Reincluiu-se a soja na Política de Garantia de Preços Mínimos, para que tivesse acesso à equivalência-produto. A medida foi considerada positiva, merecendo elogios da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), que considerou que "o financiamento da produção agrícola, nos últimos anos, especialmente no caso

da soja, foi bancado acentuadamente pelas indústrias, através de financiamentos externos, como o ACC, pré-pagamentos e outros. Como a função da indústria não é a de banco/financiador, é muito promissor o anúncio de um volume maior de recursos. A grande interrogação é saber se o anunciado — R$5,65 bilhões — estará efetivamente disponível nas agências dos bancos".

Lamentavelmente, a dúvida da Associação concretizou-se. O Banco do Brasil divulgou que, até o início de outubro, escassa parcela daquele dinheiro tinha sido liberada. Assim, nesse aspecto, de pouco adiantou ter sido considerado positivo o valor básico de custeio, de R$231,43/ha, para o rendimento físico médio de 1.601kg/ha a 2.220kg/ha. O preço mínimo, fixado em R$8,44/60kg no Centro-Sul e em R$7,73/60kg no estado de Mato Grosso, foi considerado favorável. Desta feita, ficou abaixo do VBC, que corresponde, na faixa mencionada de rendimento físico, a R$8,67/60kg.

Área calrá um pouco

Soja — área plantada no Brasil — 1990-94 (em ha)

UF	1990	1991	1992	1993	1994
RS	3.521	3.132	2.877	3.078	3.191
PR	2.270	1.979	1.794	2.073	2.177
MT	1.553	1.172	1.459	1.680	2.001
MS	1.286	1.072	949	1.072	1.103
GO	1.002	801	825	983	1.111
MG	569	475	492	553	584
SP	561	503	466	490	532
SC	370	262	205	220	217
BA	360	210	320	381	434
DF	53	43	42	45	49
TO	33	4	7	16	31
MA	15	5	21	43	63
Brasil	11.595	9.665	9.451	10.636	11.494

Fonte: IBGE.

Um ponto considerado negativo foi, novamente, a indexação para os empréstimos. Os miniprodutores foram isentos da correção pela TR, atribuindo-se aos pequenos a correção de 50% daquela taxa e juros anuais de 6%. Ocorre que essas categorias são minoritárias na produção de soja e os encargos imputados aos médios e grandes produtores (TR mais 11% ao ano) abrangerão a maior parte do universo dos sojicultores.

Essa questão tem motivado sucessivos protestos de lideranças rurais, que consideram que a Resolução nº 590 do Conselho Monetário Nacional, de 1979 — a primeira a autorizar cláusulas de indexação em contratos de crédito rural —, é irregular. Aqui se situa a origem dos atuais problemas da dívida agrária, que resultou em uma CPI de resultados insatisfatórios.

É preciso registrar, igualmente, que as cooperativas também enfrentam dificuldades legais, no que diz respeito às exigências para a atuação com futuros, que incluem o aval de um banco.

Clima, pragas e doenças também atrapalham

Completando o quadro de adversidades, existem as indefinições provocadas pelo clima e pela incidência de pragas e doenças. O primeiro fator poderia ter até alguma influência benéfica, pois provocou primeiramente o retardamento das operações necessárias ao plantio do feijão (cujo período ideal foi ultrapassado) e do milho. A assistência técnica paranaense, por exemplo, estima que o cultivo da soja precoce poderá crescer no Paraná, pois o milho plantado com atraso seria atingido pelo período seco que costuma ocorrer em fevereiro, prejudicando os próximos calendários do feijão da safra da seca ou do milho da chamada "safrinha". Isto faria com que a área da soja, pelo menos, repetisse o que cobriu em 1993/94.

As esperanças de desfalques provocados pelo clima na safra recorde norte-americana desapareceram.

Nas demais áreas relevantes da sojicultura brasileira, que são o Rio Grande do Sul, os estados centrais e São Paulo, predominam as intenções de diminuição da área. No primeiro estado, a Fecotrigo considera que a obrigatoriedade da rotação de cultivo fará com que se opte preferencialmente pelo milho. Nos estados centrais, além da conjuntura externa, pesam a falta de recursos financeiros e o melhor preço mínimo do milho. Em alguns locais, a estiagem também poderá ser um fator atenuante da redução da soja, por prejudicar o milho.

Quanto às pragas e doenças, o perigoso nematóide do cisto já se disseminou por terras de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, mas não chegou, ou ao menos não foi detectado, ao principal estado produtor, o Rio Grande do Sul. Este último criou a Comissão Executiva Estadual do Programa Nacional de Prevenção e Controle de Nematóide do Cisto da Soja (em julho, o governo federal instalou o Conselho Nacional de Prevenção e Controle). Por outro lado, as plantações gaúchas já foram atacadas pelo cancro da haste, que não afetou o Paraná, por terem sido erradicadas daquele estado as variedades vulneráveis.

A Bahia e o Maranhão compõem as exceções nessa avaliação de estabilidade ou de diminuição na atratividade da soja. As tabelas apresentam a rápida evolução da lavoura nos dois estados, podendo ser apreciado o desempenho da produção baiana. A soja ali chegou nos anos 60, em Irecê, e na década seguinte instalou-se no oeste, região de Barreiras, passando a se destacar no cenário do país. No sul do Maranhão, a expansão data quase da mesma época, mas a tendência de crescimento permanece. Porém, a falta de recursos financeiros pode comprometer a intenção de plantio.

Como, no início de outubro, as cotações da soja em grão na Bolsa de Chicago alcançaram seu ponto mais baixo em dois anos, aumentam as preocupações com a próxima comercialização. A possibilidade de futuras revi-

sões, para mais, da safra norte-americana está ainda presente e contribui para piorar a situação.

Proximidade do Mercosul

Tendo em vista o início de funcionamento do Mercosul, em 1º de janeiro de 1995, com a maior integração das economias brasileira e argentina, é conveniente abordar o próximo plantio dos vizinhos. Não se pode esquecer que o acelerado crescimento da soja na Argentina é motivo de atenção mundial. Em pouco tempo, o país ultrapassou a China e tornou-se o terceiro produtor planetário do grão. Também surpreendeu os brasileiros, que não esperavam a rapidez do processo que levou os argentinos a competirem igualmente nos mercados dos derivados.

A área de cultivo atingiu os 5,6 milhões de hectares, em 1993/94, cerca de 49% da área da soja brasileira. Embora alguns analistas considerem que os agricultores platinos não abririam mão do espaço ocupado por suas lavouras tradicionais (ou seja, a sojicultura já teria alcançado seu limite de expansão), vê-se que ela não pára de crescer. Os limites "ricardianos" ainda não se fizeram sentir e a redução do rendimento físico médio, dos 2.350kg/ha de 1992/93 para os 2.090kg/ha desta safra, não significa a incorporação de terras impróprias, mas sim a ocorrência de adversidades climáticas.

É cedo para previsões quanto às tendências do plantio de 1994/95, mas parece haver um "sentimento" favorável à ampliação do cultivo, também em função do atraso nas operações de campo do milho. Pelo lado do mercado, são fatores positivos a esperada maior demanda internacional e a expectativa quanto ao Plano Real vir a apresentar um viés importador semelhante ao do Plano Cavallo. Problemas no parceiro maior do Mercosul, competidor em um mercado competitivo, serão favoráveis, e os argentinos estão atentos ao fato de a sojicultura brasileira ter quebrado sucessivamente seus recordes de rendimento físico médio. Isto poderia significar que a safra 1994/95 estará exposta a maior risco de perdas, em razão de clima desfavorável.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

ARROZ

Endividamento poderá afetar produção

A exemplo do que ocorreu nos demais subsetores da agricultura, a política agrícola anunciada para a safra 1994/95 não agradou aos produtores de arroz. Problemas de endividamento, dificuldades no atendimento à demanda por crédito em algumas regiões, valor básico de custeio (VBC) pouco estimulante e retração diante da cobrança da TR nos empréstimos rurais delineiam um quadro negativo na fase de plantio da lavoura, o que poderá levar a um declínio, ainda que ligeiro, na área ocupada pelo cultivo em 1994/95.

De modo geral, os prognósticos de safra baseiam-se na possibilidade de renda futura das diferentes opções de plantio e na tomada de decisão do produtor rural, a partir dessa expectativa. A concorrência entre as diferentes lavouras, por sua vez, normalmente se respalda no comportamento passado dos preços relativos das culturas potencialmente competidoras numa determinada região e, por fim, na atração que o preço absoluto de cada uma exerce ao se traçarem cenários favoráveis de mercado no curto prazo.

No caso do arroz, no entanto, essa correlação se dá apenas de forma parcial. O cultivo se encontra dicotomizado em sistemas de produção profundamente diferenciados em termos tecnológicos. No tocante ao arroz irrigado, quando o agricultor, por qualquer razão, deixa de cultivar o produto, em geral transforma as áreas disponíveis em pastos. Isso porque as terras ocupadas pela cultura — quase sempre solos com má drenagem — pouco se adaptam aos demais cultivos. No Rio Grande do Sul, principal estado produtor, a atividade está basicamente inserida nesse binômio arroz-pecuária. Dessa forma, tampouco influenciam as sinalizações que o governo faz, via instrumentos tradicionais de incentivo ao plantio, de que é desejável aumentar a produção de uma lavoura em detrimento de outra. Para o produtor de arroz irrigado, que